

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. A origem e as consequências da idolatria	17
2. A realidade da idolatria e como vencê-la	37
3. A idolatria que resulta de teologia, espiritualidade e ética equivocadas	55
4. A loucura da idolatria e o que Deus espera de nós	71
<i>Para se aprofundar no tema</i>	79

Agradecimentos

Tanto a agradecer! Tantos a agradecer. Não agradecer seria presumir que fiz algo só, por mim mesmo e para mim mesmo. Seria mais um ato de idolatria. Mas já vivi o suficiente diante de Deus para ter aprendido, pelo menos na teoria, que tudo à minha volta torna-se minha referência e que todas as coisas com referência no Criador de todas as coisas fazem sentido. Assim, pela ordem da estrutura criada, agradeço àquele que me criou para não ser idólatra e me redimiou da idolatria. Que amor! Agradeço à minha família, esposa e filhos amados, por serem o meu teste contra a idolatria. Estes conhecem de perto todas as minhas maiores fraquezas. Que conforto! Agradeço a igreja que aprendo a amar mais profundamente a cada dia, Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo, por ser o corpo no qual aprendo a adorar o Criador e amar ao próximo como a mim mesmo. Que deleite! Agradeço também aos meus irmãos colegas de ministério e trabalho diário, que apontam com facilidade minhas idolatrias e me corrigem. Que providência!

Agradeço aos irmãos de Edições Vida Nova, que, ao ouvirem minha palestra, conseguiram enxergar nela uma obra introdutória sobre o tema da idolatria. Jonas, Sérgio e Celso foram os culpados. Outros, com paciência muito mais

do que merecida, aguardaram, trabalharam e fizeram com que a palestra se tornasse livro: Caio Barrios Medeiros, que transcreveu a palestra, Cristina Ignacio Cruz e Fernando Mauro Pires, que fizeram com que as palavras se tornassem texto, e o pastor Josemar de Souza Pinto, que cuidadosamente revisou as provas! Muito obrigado!

Prefácio

Alguém poderia argumentar, com certa segurança, que os evangélicos não são idólatras. Ao que parece, a razão dessa segurança estaria ancorada no fato de não termos imagens em nossos templos, de não nos curvamos diante de estátuas feitas por mãos humanas ou de não acendermos vela para nenhum ídolo de barro ou metal.

Todavia, tal segurança está alicerçada em uma leitura demasiado superficial das Escrituras. O exame cuidadoso da Palavra de Deus é suficiente para revelar que, antes de ser um artefato de nossas mãos, o ídolo é um artefato do coração. Em outras palavras, não são apenas nossas mãos que fabricam ídolos; nosso coração também.

Quando compreendemos que o coração é, como diz João Calvino, “uma fábrica de ídolos”, damos o primeiro passo na direção do entendimento bíblico da idolatria. Tal entendimento revela ser possível que evangélicos sejam idólatras ainda que não tenham imagens em seus templos, não se curvem diante de estátuas feitas por mãos humanas e não acendam velas para nenhum ídolo de barro ou metal.

A visão bíblica da idolatria revela, portanto, que é possível ser idólatra sem usar as mãos. A propósito, é relativamente fácil destruir um ídolo feito de barro. Uma marreta, por exemplo, seria bastante útil e eficiente para

destruí-lo. No entanto, como destruir os ídolos feitos com o material do coração? Como derrubar os falsos deuses que o coração confecciona a fim de nos fazer curvar diante deles?

As respostas a essas perguntas só podem ser eficazes se estiverem pautadas em uma teologia bíblica da idolatria. Essa teologia, por sua vez, começará ensinando que as origens da idolatria remetem aos dias em que o homem ainda gozava do privilégio de viver no jardim do Éden segundo a bênção de Deus. Ora, é exatamente isso que o dr. Mauro Meister se propôs fazer neste opúsculo: mostrar que a idolatria aparece na Bíblia desde Gênesis 3.1-7.

Com a profundidade, a clareza e a competência que são marcas incontestáveis de sua atuação como pastor e teólogo, Meister oferece ao leitor uma valiosa análise bíblica da idolatria. O livro é fruto de uma palestra a que tive a oportunidade de assistir. O que mais me impressionou naquela ocasião — e ainda mais agora, depois da leitura deste livro — é a ligação que Meister estabeleceu entre Gênesis 3.1-7 e Romanos 1.18-32.

Espero que, ao terminar a leitura deste livro, você tenha a mesma sensação que eu tive, expressa pelo seguinte pensamento: “Como não percebi isso antes?”. E mais: que, ao término da leitura, você possa saber não somente como identificar os ídolos do coração, mas também como destruí-los.

A Deus toda honra e glória!

JONAS MADUREIRA

Introdução

A ilusão de que não somos idólatras

Você pode ser rei no país do futebol.
Pode ser viciado em bingo e nunca ver a luz do Sol.
Você pode ser um mago e vender livros de montão.
Pode ser uma *socialite*, enriquecer vendendo pão.

*Mas um dia vai servir a alguém.
É, um dia vai servir a alguém.
Seja ao Diabo
ou seja a Deus,
um dia você vai servir a alguém.*

[...]

Você pode desejar a cura com Lacan.
Você pode procurar os serviços de um xamã.
Você pode ser um pregador, chutar os santos do altar.
Você pode ter um bom discurso, você pode nem saber falar.

Mas um dia vai servir a alguém. É [...]

Você pode ser demente, pode ser doutor.
Você pode ser sincero, pode ter rancor.
Você pode ser um crente, você pode ser ateu.
Pode ser um leitor vaidoso ou uma miss que nunca leu.

Mas um dia vai servir a alguém. É...¹

¹Vitor Ramil e Lenine, *Um dia você vai servir a alguém.*

A versão de Vitor Ramil e Lenine para a canção de Bob Dylan (*Gotta serve somebody*) cabe como uma perfeita introdução para o tema deste livro. Em seus versos, vemos retratada a realidade de todo homem: isto é, o fato de que um dia eu e você serviremos a alguém. Talvez os compositores não saibam quanto estão perfeitamente corretos à luz da teologia cristã: uma vez que todos fomos criados para servir — no sentido bíblico de adorar —, não há ser humano que não sirva (adore) a alguém ou a alguma coisa. O único reparo pode ser o fato de que ainda não percebiam que o verbo deve ser usado no presente: já servimos a alguém.

No projeto original da Criação, o homem deveria adorar somente a Deus, o Criador de todas as coisas, mas, com a Queda, houve uma separação que acabou por obscurecer a visão humana de quem deveria ser adorado. A inclinação para adorar permanece no coração dos seres humanos, mas, como cegos, todos erram o alvo, sem nem ao menos se darem conta disso. Qualquer adoração e serviço a outro ser ou objeto que não o Criador constitui, entretanto, grave equívoco. E, como não há meio-termo, em última análise, adora-se ou a Deus, ou ao Diabo!

Os cristãos evangélicos no Brasil, no entanto, correm mais perigo quanto à idolatria. Na concepção de muitos, apenas as imagens e peças sacras comuns entre os católicos ou as religiões animistas indicam a prática idólatra, já que esses objetos são claramente condenados por Deus na Bíblia, constituindo uma violação direta do segundo dos

Dez Mandamentos: “Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra; não te curvarás diante delas, nem as cultuarás” (Dt 5.8,9).

No ano 2000, tive a oportunidade de fazer uma viagem missionária de ensino à Ucrânia. Levei nessa viagem um então popular álbum de fotografias, a fim de mostrar aos alunos um pouco da distante realidade brasileira, para que eles tivessem ideia de como eram a família, a escola e a igreja em nosso país. Tudo para eles era novidade e lhes parecia muito interessante, mas uma das coisas que mais os surpreenderam gerou a seguinte pergunta: “Por que as paredes de sua igreja são todas brancas?”. Sim, a arquitetura eclesiástica protestante no Brasil evidencia um grande temor dos evangélicos, em sua maioria: o de serem parecidos com os católicos! Boa parte do que identifica um evangélico em nossa nação diz respeito a não fazer uso de nenhum tipo de imagem ou representação gráfica que possa sugerir que se trata de um objeto de devoção ou adoração.

Há também algumas razões históricas para essa diferenciação rigorosa, sendo uma delas a proibição de que se construíssem locais de culto protestantes semelhantes às igrejas católicas. A Constituição Imperial, datada de 1824, dizia em seu artigo 5.º: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular,

em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. A propósito, quando os ingleses começaram a desenvolver o comércio com o Brasil, só lhes era permitido realizar os cultos de tradição anglicana em navios. Antes desse período, não havia nenhum traço de protestantismo no país. As primeiras inserções missionárias, de séculos anteriores, haviam sido completamente neutralizadas.

Em certo sentido, então, ser protestante no Brasil significou, desde o início, ser diferente do católico. E é por isso também que muitos cristãos de tradição evangélica tendem a afastar-se de imagens, esculturas e desenhos ao identificá-los como algo comum na prática religiosa do catolicismo, que associam automaticamente à idolatria. Em algumas tradições evangélicas, o máximo aceitável para o templo são a cruz (vazia) e alguns vitrais com representações de cenas bíblicas.

No entanto, ao olharmos em volta e não avistarmos imagens, seja de santos, seja de figuras e cenas bíblicas, precisamos tomar cuidado com a impressão de que estamos imunes à idolatria, de que se trata de algo já superado e, por isso mesmo, inofensivo. Essa é uma tática sutil de Satanás justamente para levar o cristão a se tornar idólatra. Porque, como veremos, a idolatria não está na imagem idolatrada, não está no ídolo em si, mas reside no próprio idólatra. Criados para adorar, buscamos um objeto de adoração, ao mesmo tempo que nossa rejeição a Deus nos coloca nos braços da idolatria.

Nas páginas a seguir, veremos que a idolatria nasceu no Éden, no momento em que Eva cedeu à tentação da serpente. Ao examinar as implicações desse acontecimento bíblico em seu contexto, descobrimos o chamado original do homem e o que ele recebeu das mãos de Deus para cumpri-lo. Veremos também como o homem se desvirtuou do plano inicial, dando lugar à idolatria e sofrendo assim consequências nefastas, o fruto amargo dessa perversão. Desde esse incidente, a raça humana decidiu satisfazer o desejo do próprio coração, o que a coloca na terrível condição de idólatra. Em seguida, veremos como o homem do século 21 vive imerso nesse pecado e como nós, cristãos dos dias atuais, podemos escapar dessa triste realidade. Finalmente, veremos como uma teologia, uma espiritualidade e uma ética equivocadas servem de fermento para a idolatria latente no ser humano, seja ele um descrente, seja ele um cristão. Todo cuidado é pouco. Como dizia João Calvino, o coração humano é uma fábrica de ídolos!

Meu objetivo é que, ao término desta leitura, o leitor compreenda o perigo real da idolatria e adquira as ferramentas necessárias para lidar com ela e com os terríveis males que causa.

A origem e as consequências da idolatria

Para melhor compreendermos a importância deste tema para o cristão dos dias atuais, penso que será útil primeiro entendermos a humanidade em seu início, bem como o que deu errado e fez com que a idolatria se tornasse uma realidade tão palpável ao longo da história.

A primeira referência que encontramos a respeito do surgimento e da presença da idolatria no ser humano encontra-se em Gênesis 3.1-7:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morrereis. Disse a serpente à mulher: Com certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comeres desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o

mal. Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu. Então os olhos dos dois foram abertos e ficaram sabendo que estavam nus; por isso, entrelaçaram folhas de figueira e fizeram para si aventais.

Passaremos boa parte deste capítulo examinando as decorrências desse texto de Gênesis 3 e de seu contexto mais amplo (uma vez que a escrita desse segmento do livro antecede em muito a divisão posterior de capítulos a que foram submetidos tanto o Antigo quanto o Novo Testamento). Na realidade, tudo começa em Gênesis 2.4, que diz: “São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados”. Assim, antes de chegarmos a Gênesis 3, encontramos vários elementos que devem ser observados para entendermos melhor a ordem do mundo criado no momento em que a idolatria teve origem.

O CHAMADO ORIGINAL DO HOMEM E O QUE DEUS LHE DEU PARA CUMPRÍ-LO

No relato da Criação e, mais especificamente, na narrativa do estabelecimento do homem no Jardim do Éden (Gn 2.7-17), podemos observar os benefícios que lhe foram concedidos a fim de que pudesse cumprir o chamado original de Deus. É importante percebermos também que esses benefícios concedidos primeiro ao homem foram naturalmente